



ANO 16 Nº 2  
Fevereiro de 2007

# Carta de Conjuntura FEE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Secretaria da Coordenação e Planejamento  
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA  
Siegfried Emanuel Heuser

## Os desafios econômicos de Porto Alegre

Um dos grandes desafios contemporâneos de cidades como Porto Alegre é impedir o seu relativo “esvaziamento” econômico, imposto, de um lado, pelo crescimento espacialmente concentrado, típico das grandes metrópoles, e, de outro, pelos mecanismos da reestruturação produtiva que atingem as áreas mais desenvolvidas do território. O primeiro movimento provoca, depois de um certo tamanho urbano, a formação de deseconomias de aglomeração (localização e urbanização), que elevam os custos de produzir, distribuir, consumir e viver em grandes cidades. O segundo movimento traz consigo atributos que levam os agentes econômicos a viabilizarem as suas localizações com um certo grau de dispersão espacial, valendo-se dos avanços tecnológicos proporcionados pelas comunicações e pela informática.

Esses dois movimentos combinados levaram Porto Alegre a um processo de desindustrialização relativa no âmbito do Estado, nas últimas três décadas. Em 1970, a Capital gerava 25,88% da produção industrial do Estado, que veio caindo continuamente, até atingir 7,67% em 2004, uma queda expressiva e “sem volta”.

A dinâmica econômica de Porto Alegre vem sendo, progressivamente, comandada pelo moderno complexo de serviços que nela se estabeleceu ao longo da história. Veja-se que essa é uma característica das metrópoles contemporâneas, onde os serviços ampliaram seu papel e passaram também a exercer, nesses espaços, a função de indutores do desenvolvimento econômico.

Todavia, nos últimos anos, constata-se uma tendência de crescimento menor em Porto Alegre do que no resto da RMPA e no resto do Estado, tanto do VAB dos serviços (1999-04)

quanto do emprego dos serviços produtivos (1995-05), e que se reflete no comportamento das respectivas participações relativas. A tabela mostra que o declínio e o crescimento são suaves, mas consistentes, ao longo do período, revelando mudanças nas preferências locacionais das atividades terciárias no Rio Grande do Sul. Tais mudanças podem significar, como ocorreu com a indústria, um efeito de transbordamento para fora dos limites de Porto Alegre de determinados serviços, que passaram a encontrar ambientes mais favoráveis à sua reprodução em outros centros da rede urbana metropolitana. É provável que o custo do solo (aluguéis) urbano e as vantagens tributárias (ISSQN e IPTU), além da proximidade com a demanda, tenham sido fatores decisivos nesse movimento.

Outra face dessa mudança é a emergência de “novos” centros de serviços, que, no passado recente, eram principalmente tributários de Porto Alegre, mas também de Novo Hamburgo e São Leopoldo. Os centros emergentes são Canoas, Gravataí, Cachoeirinha, Viamão e Esteio, que podem ser considerados centros complementares a Porto Alegre.

Esse fenômeno não implica, no curto prazo, perda de hegemonia da economia de Porto Alegre. Todavia, em uma perspectiva de prazo mais longo, é necessário observar com mais atenção o comportamento locacional da imensa gama de serviços que constituem o Setor Terciário de Porto Alegre. É preciso saber se essa tendência levará o Município a uma trajetória de “esvaziamento” econômico, ou se estamos assistindo apenas a um ajuste estrutural, cujo resultado será assegurar à Capital o domínio de um conjunto de serviços com maior densidade tecnológica e com maior capacidade de geração de renda e de empregos de melhor qualidade.

Participação relativa de POA, RMPA-POA e RS-RMPA no VAB e no emprego formal dos serviços produtivos do RS — 1995-2005

ANOS	VAB			EMPREGO		
	POA	RMPA-POA	RS-RMPA	POA	RMPA-POA	RS-RMPA
1995	-	-	-	48,49	16,06	35,45
1997	-	-	-	44,57	20,61	34,82
1999	23,73	22,26	54,01	43,10	23,02	33,88
2000	23,05	23,14	53,81	40,25	26,30	33,45
2001	22,56	23,18	54,26	41,44	24,96	33,60
2002	23,10	23,42	53,48	40,99	25,01	34,00
2003	21,89	23,39	54,72	40,84	26,11	33,05
2004	21,25	23,77	54,98	41,75	25,91	32,34
2005	-	-	-	42,15	25,84	32,01

FONTE DE DADOS BRUTOS: [www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br).  
RAIS-MTE.

José Antônio Fialho Alonso (FEE/CEES)

## As contas públicas do Governo Federal em 2006

Em 2006, o Governo Federal seguiu uma política fiscal semelhante à de anos anteriores: a de elevar receitas. Entre janeiro e novembro, as receitas cresceram 10,7% em relação ao mesmo período anterior; as do Tesouro nacional alcançaram R\$ 384 bilhões, enquanto as da Previdência atingiram R\$108 bilhões, representando aumentos de 10,2% e 12,5% respectivamente. A receita líquida total (excluindo as transferências a estados e municípios) superou em 10,8% a de 2005, devido, principalmente, à melhoria da arrecadação de tributos.

As despesas, porém, cresceram num ritmo maior ao das receitas no período observado, chegando a 13,3%, devido à elevação nos gastos com benefícios previdenciários (16,5%), pessoal e encargos sociais (11,5%), custeio e capital (11,3%), dentre outros.

Em vista disso, o resultado da execução orçamentária (receita - despesa) mostrou queda do superávit primário de 2,5% em relação a 2005; esse superávit, em proporção ao PIB, que era de 3,99% no ano anterior, caiu para 3,55% em 2006.

Resultado primário do Governo Federal — jan./nov. 2005/06

DISCRIMINAÇÃO	2005 (R\$ milhões)	2006 (R\$ milhões)	$\Delta\%$ <u>2006</u> 2005
A - Receita total .....	445 753	493 413	10,7
B - Transferências a estados e municípios .....	76 939	84 818	10,2
C - Receita líquida total (A - B) .....	368 814	408 595	10,8
D - Despesa total .....	310 567	351 786	13,3
E - Resultado primário do Governo (C - D) .....	58 247	56 809	-2,5
F - Resultado primário/ PIB (%) (1) .....	3,99	3,55	-

FONTE: Ministério da Fazenda.

NOTA: Valores inflacionados pelo IGP-DI, a preços de dez./06.

(1) Calculado com valores nominais.

Maria Luiza Blanco Borsatto (FEE/CEES)

## Mortalidade por causa e sexo no Rio Grande do Sul, em 2005

De acordo com dados da Secretaria Estadual da Saúde, o principal grupo de causas da mortalidade dos gaúchos, em 2005, foi doenças do aparelho circulatório, responsável por cerca de 30% dos óbitos. Em segundo lugar, aparece neoplasias, respondendo por 20% dos óbitos. Esses dois grupos de causas ocupam essas posições independentemente do sexo e ocorrem, principalmente, entre a população mais velha. Para os homens, a terceira posição é ocupada pelo grupo das causas externas, que inclui óbitos devido a homicídios, suicídios, acidentes de trânsito, etc., sendo essas as causas de 14% dos óbitos masculinos. Para as mulheres, esse grupo de causas ocupa apenas a sétima posição, sendo res-

ponsável por cerca de 4% dos óbitos femininos. Tendo em vista que esse tipo de óbito afeta especialmente os jovens do sexo masculino entre 15 e 29 anos — faixa etária que concentra um terço das mortes por causas externas —, esse diferencial entre os sexos na mortalidade por esse grupo de causas explica também as diferenças encontradas na expectativa de vida de homens e mulheres. Calculando-se esse indicador para o ano de 2005, utilizando os dados de óbitos registrados pela Secretaria Estadual da Saúde e a população estimada pela FEE, verifica-se que a diferença é de cerca de oito anos, uma vez que é de 70,5 anos para os homens e de 78,6 anos para as mulheres.

Mortalidade por grupos de causas e posição relativa, por sexo, no Rio Grande do Sul — 2005

GRUPOS DE CAUSAS DO ÓBITO	AMBOS OS SEXOS		MASCULINO		FEMININO	
	%	Posição	%	Posição	%	Posição
Doenças do aparelho circulatório .....	30,2	1	26,5	1	34,8	1
Neoplasias .....	20,8	2	20,9	2	20,6	2
Doenças do aparelho respiratório .....	11,9	3	12,1	4	11,7	3
Causas externas .....	9,6	4	14,1	3	3,8	7
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	5,4	5	4,2	8	7,0	4
Causas mal definidas .....	5,3	6	5,3	5	5,4	5
Doenças do aparelho digestivo .....	4,7	7	5,1	6	4,2	6
Algumas doenças infecciosas e parasitárias .....	4,1	8	4,4	7	3,6	8
Demais causas .....	8,0	-	7,4	-	8,9	-
Todas as causas .....	100,0	-	100,0	-	100,0	-

FONTE: SES-RS/DAS/Núcleo de Informações em Saúde (NIS).

Marilene Dias Bandeira (FEE/CIE)



Tenha acesso a esta e a outras  
publicações em  
nossa Home Page  
[www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br)

Carta  
de  
Conjuntura FEE

## Indústria de alimentos e bebidas com tendência favorável

As indústrias de produtos alimentares e de bebidas apresentaram elevadas taxas de crescimento da produção física da indústria de transformação do RS. Apesar da oscilação ocorrida durante o ano, a produção de alimentos cresceu 5,5% no acumulado jan.-nov./06, e a de bebidas, 8,5% no mesmo intervalo (PIM-PF-IBGE). Ambos os setores foram favorecidos, dentre outras razões, pelo aquecimento do consumo interno, propiciado pelo aumento do salário mínimo em percentuais superiores à inflação e por programas sociais, como o Bolsa-Família, atingindo uma faixa de renda com elevada propensão marginal a consumir. No caso de produtos alimentares, houve um estímulo suplementar oriundo da demanda externa.

No início do ano, a conjuntura do segmento exportador de carne de frango foi atingida por turbulências do mercado internacional, advindas de países da Europa e da Ásia, devido ao temor de contaminação pela gripe aviária. Isso, porém, não prejudicou a produção, já que o aumento do consumo interno compensou esse arrefecimento.

No segmento de laticínios, por sua vez, verificaram-se ampliação de instalações e criação de novas unidades em diversos municípios, com reflexos positivos sobre a produção de leite e de máquinas e equipamentos especializados, tendo em vista que os produtores de leite deverão adaptar-se aos requisitos de controle de qualidade no fornecimento da matéria-prima para as empresas.

O crescimento do gênero bebidas deve-se à ampliação do mercado de cerveja, impulsionado pela Copa do Mundo, por um inverno de temperaturas amenas e pela oferta de cervejas

diferenciadas, tipo *premium*. A expansão do mercado de refrigerantes — sobretudo os *diet* — e de águas minerais responde, em particular, à preocupação do consumidor em garantir uma vida saudável. No caso da água mineral, adiciona-se o efeito das fortes estiagens, que modificaram o gosto da água corrente.

Taxas de variação mensal da produção física das indústrias de alimentos e bebidas do RS — 2006

PERÍODOS	ALIMENTOS	BEBIDAS
Jan./06	7,3	5,8
Fev./06	3,1	29,1
Mar./06	6,3	1,9
Abr./06	-4,2	7,9
Mai/06	10,8	4,3
Jun./06	4,3	1,9
Jul./06	7,1	25,8
Ago./06	10,6	1,3
Set./06	8,9	3,3
Out./06	9,2	18,0
Nov./06	-1,7	12,8
Acumulado jan.-nov.	5,5	8,5

FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados têm como base igual mês do ano anterior.

Áurea Breitbach (FEE/CEES)

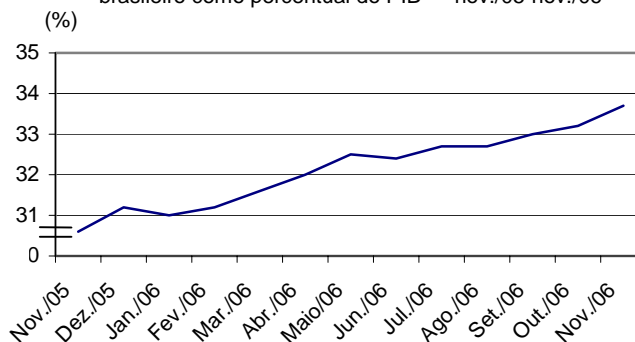
## O crédito no Brasil, em 2006

O estoque total das operações de crédito do sistema financeiro brasileiro registrou crescimento de 17,9% até novembro de 2006, atingindo R\$ 715,8 bilhões. Em consequência, a relação dos empréstimos totais com o PIB situou-se em 33,7%, em novembro, ante 31,0% em janeiro desse ano, e 30,6% em novembro de 2005.

Essa evolução esteve associada, fundamentalmente, à expansão dos financiamentos contratados com recursos livres (participação relativa de 68,2% no total de crédito concedido pelo sistema financeiro), que cresceram 21,0% no período, enquanto os recursos direcionados (créditos com taxas de juros administradas) aumentaram 11,8%. No âmbito dos recursos livres, houve a predominância dos empréstimos destinados às pessoas físicas, em decorrência da expansão na contratação da modalidade de crédito pessoal (25,6%) e dos financiamentos para aquisição de veículos (23,8%). Ao mesmo tempo, refletindo o menor ritmo de crescimento da economia em 2006, mas também o desenvolvimento do mercado de capitais no financiamento das empresas, a taxa de crescimento do crédito a pessoas jurídicas reduziu-se, em relação a 2005, de 17,2% para 14,4%, afetando especialmente as modalidades que mais utilizam recebíveis comerciais como garantia, como, por exemplo, desconto de duplicatas.

De um modo geral, o cenário mais favorável ao crédito tem razões macroeconômicas, como o controle da inflação, além de refletir os resultados da agenda de reforma microeconômica, como a criação do crédito consignado.

Evolução das operações de crédito do sistema financeiro brasileiro como percentual do PIB — nov./05-nov./06



FONTE: Bacen.

Edison Marques Moreira (FEE/CEES)

## As exportações do RS por fator agregado

Analisando as vendas externas do Estado, por fator agregado, em 2006, observa-se que o aumento nas receitas totais de exportação ocorreu graças ao desempenho dos produtos básicos, já que o crescimento nas vendas dos produtos industrializados foi pequeno, conforme consta na tabela, e a *performance* dos industrializados só não foi pior devido às vendas de semimanufaturados, visto o reduzido incremento nas exportações de manufaturados.

Se, em 2005, as perdas na safra agrícola, em função da estiagem, atingiram praticamente todo o RS, em 2006, os prejuízos decorrentes das condições climáticas restringiram-se a algumas regiões do Estado, perdendo, assim, o caráter dramático registrado no ano anterior e elevando as exportações de soja em grão em 587%. Além disso, a permissão dos importadores para o RS continuar exportando carne suína e bovina após o surto de febre aftosa que afetou alguns estados brasileiros também colaborou para o incremento nas vendas de carne gaúcha ao exterior. Tais fatos, aliados às menores receitas de exportação para os básicos em 2005, fazendo com que a base de comparação fosse baixa, explicam, em grande parte, o crescimento nas vendas de produtos básicos ao exterior, apesar das dificuldades cambiais e do desempenho negativo das exportações de fumo e de carne de frango.

Os produtos semimanufaturados, embora representem uma parcela pequena na pauta de exportações do Estado, também tiveram uma boa *performance* em 2006, principalmente em decorrência do desempenho favorável das vendas de óleo de soja em bruto e de couros.

Em relação aos produtos manufaturados, seu desempenho deixou a desejar, em grande parte devido à política cambial. Dado o perfil de suas vendas externas, com grande intensidade no uso do fator trabalho e uma menor dependência de insumos importados — como é o caso dos setores de calçados e de móveis —, os custos de produção permanecem atrelados ao real e não ao dólar. Tal fato os prejudica duplamente, pois não conseguem usufruir de insumos mais baratos do exterior, e suas receitas em dólar, quando convertidas em real, são cada vez menores. Foi o que ocorreu com os calçados de couro, cujo desempenho das suas exportações, ao longo de 2006, foi negativo em relação ao ano anterior, apesar do aumento no preço médio.

Assim, mantida a valorização da taxa de câmbio, não é de surpreender que, para este ano, se registre, nas exportações gaúchas, uma maior presença de produtos com menor valor agregado.

Em ordem decrescente de valor, os principais produtos exportados pelo RS em 2006, agrupados por fator agregado, foram:

- produtos básicos - fumo, soja em grão, carne suína, carne de frango e farelo de soja;
- produtos semimanufaturados - óleo de soja em bruto, pasta química de madeira e couro;
- produtos manufaturados - calçados de couro, tratores, polietileno, carrocerias, óleo diesel, partes e acessórios para tratores e veículos e móveis de madeira.

Exportações, por fator agregado, do RS — 2005 e 2006

DESCRIÇÃO	2005		2006		Δ% 2006/2005
	Valor (US\$ milhões)	Participação % no Total	Valor (US\$ milhões)	Participação % no Total	
<b>Básicos</b> .....	3 243	31,02	4 004	34,01	23,47
<b>Industrializados</b> .....	7 074	67,67	7 564	64,24	6,93
Semimanufaturados .....	996	9,53	1 224	10,40	22,89
Manufaturados .....	6 078	58,14	6 340	53,85	4,31
<b>Operações especiais</b> .....	137	1,31	206	1,75	50,36
<b>TOTAL</b> .....	10 454	100,00	11 774	100,00	12,63

FONTE: MDIC/Secex.

Teresinha Bello (FEE/CEES)

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 31.01.07).

ISSN 1517-7262

A *Carta de Conjuntura FEE* é uma publicação mensal de responsabilidade dos editorialistas. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria de Coordenação e Planejamento.

Tiragem: 800 exemplares.



Fundação de Economia e Estatística  
Siegfried Emanuel Heuser

Presidente: Adelar Fochezatto

Diretor Técnico: Álvaro Antônio Louzada Garcia

Diretor Administrativo: Nóra Angela Gundlach Kraemer

**Conselho Editorial da Carta:** Álvaro Antônio Louzada Garcia, Adalberto Alves Maia Neto, Marinês Zandavali Grandó e Roberto da Silva Wiltgen.

**Núcleo de Dados:** Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

**Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser**

Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre

CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br

www.fee.rs.gov.br

**Editoração**

**Supervisão:** Valesca Casa Nova Nonnig.

**Revisão**

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Breno Camargo Serafini, Rosa Maria Gomes da Fonseca, Sidonia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

**Editoria**

Coordenação: Ezequiel Dias de Oliveira. Composição, diagramação e arte final: Cirei Pereira da Silveira, Denize Maria Maciel, Ieda Terezinha Koch Leal e Rejane Maria Lopes dos Santos. Conferência: Elisabeth Alende Lopes e Rejane Schmitt Hübner. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.